

## A CULTURA SURDA E SUAS CONQUISTAS

Maria Iviane Graça da Silva; Jordana Vieira Sandes; Beatriz Batista Oliveira; Otavio Augusto de Oliveira Cardoso; Cristiano Vilela.

*Universidade Federal de Alagoas, mariaiviane17@hotmail.com; jordanasandes@hotmail.com; beatrizbboo@hotmail.com; guga\_oly22@hotmail.com; nevesvilela@hotmail.com.*

**Resumo:** O presente artigo parte de uma pesquisa bibliográfica que pretende expor e refletir sobre a cultura do surdo, e a importância de sua inclusão e reconhecimento em meio à sociedade e na escola, que vem sendo algo desafiador passando por muitos desafios, fazendo parte vários contextos históricos da vida do surdo até chegar ao seu reconhecimento como uma cultura comum, assim também como estar inserida no meio da sociedade sem impor sobre eles uma visão ainda distorcida de quem realmente são eles, pois o surdo tem uma cultura, uma língua, nasceu para viver no meio da sociedade e não as margens. E com o propósito de compreender como se deu o processo de organização da cultura surda e sua inclusão também no âmbito escolar, este trabalho aborda sobre algumas conquistas, também perdas e retrocessos que se deram ao longo do tempo. E para compreender melhor nós disponibilizamos ao estudo e recorreremos às leituras de alguns autores experientes nesta área e sobre tudo sobre a lei que assegura os direitos dos surdos, fazendo por fim uma relação a influências das novas tecnologias.

**Palavras-chaves:** Surdo, educação dos surdos, inclusão, novas tecnologias.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre o uso e o ensino da língua de sinais no Brasil se deu nos anos de 1990, porém a lei que defende o direito de educação dos surdos é muito recente, pois antes as pessoas surdas não eram bem vistas pela sociedade o que levava as famílias muitas vezes esconderem seus filhos do meio social para evitem olhares preconceituosos e penosos, o que gerava medo e vergonha principalmente para a pessoa surda.

É de indispensável importância à representação da cultura surda, dentro da uma sociedade que geralmente desconhece ou até mesmo discrimina alguém que se descobre diferente da parte dominante, um dos objetivos que disponibilizamos alcançar é o de analisar de qual forma esta cultura atingiu seu reconhecimento como de fato sendo uma cultura, apresentando alguns conceitos históricos que confirmam os fatos que na maioria das vezes o surdo foi visto como um doente, um deficiente, mas que através de suas lutas e persistências eles aos poucos vão conquistando seus espaços e com as tecnologias podem servir como auxílio para ajudar-los no seu processo de desenvolvimento educacional, com base no que estar previsto na lei.

Há múltiplos pontos de vista que se inclui na justificativa da escolha do tema: A Cultura Surda e suas Conquistas. É interessante percebermos que sempre antes de se obter conquistas os próprios fatos da vida nos revelam que é necessário que se passe por adversidades, que sirvam como uma base sólida para o sustento com mais garantia de algo, compreendendo o caminho da vida como processos diários.

Assim como foi para a cultura surda, enfrentando seus desafios e batalhando para seu reconhecimento meio a sociedade atual, destacando como uma de suas grandes conquistas, o desenvolvimento do uso das tecnologias como forma de assistência e progressão para os surdos, como também meio de comunicação para com a sociedade ouvinte. Refletindo deste modo todo o trajeto histórico dessa cultura e despertando uma reflexão acerca de suas conquistas e avanços para todos nós.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, tendo em vista uma discussão entre fatores sociais que influenciam na vida dos surdos, que segundo Bogdan e Biklen (1994 p. 23) “Os levantamentos sociais têm uma importância particular para a compreensão da história da investigação qualitativa em educação, dada a sua relação imediata com os problemas sociais e a sua posição particular a meio caminho entre a narrativa e o estudo científico”.

A coleta de dados se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica seguindo o pensamento de GIL (1987, p. 17): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Correspondendo aos instrumentos que utilizamos aqui que foram as leituras de livros, da lei sobre as Libras, artigos e dicionários, onde fizemos uma análise relacionando com a cultura surda, inclusão dos surdos na sociedade escolar e as novas tecnologias, como um instrumento auxiliador para esta inclusão, para o ensino e comunicação entre os surdos e a sociedade como um todo, a fim de ampliar nossos conhecimentos teóricos acerca de um tema pouco discutido, mas de tão grande relevância. É importante destacar, que os estudos sobre a língua de sinais é um campo de pesquisa ainda vasto, principalmente quando falamos em novas tecnologias, desta forma, foi necessário em debruçamento nas leituras sobre o tema para auxiliar na compreensão e posicionamento sobre o tema.

Com a finalidade de refletir sobre estas questões, levantando hipóteses e mostrando alguns avanços que vem ocorrendo ao longo da história, como de forma positiva o termo cultura foi se apropriando e se legitimando, para comunidade surda e sendo ressignificado ao longo do tempo. Desse modo, nossa pesquisa também tem cunho aplicado, de forma que vem a contribuir para o avanço do tema proposto, trazendo novos caminhos a serem percorridos pela cultura surda e ouvinte.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 1.1 A CULTURA SURDA

Para que possamos compreender melhor o que é a cultura surda, como ela foi vista como cultura e de qual forma os membros desta cultura atuam, é preciso compreender o que vem a ser cultura e que são estes sujeitos, onde eles se encontram.

E pensando no que vem a ser cultura, todos nós fazemos parte integrante de uma forma de viver em comum, dentro de um algum grupo (familiar, escolar, de amigos, igreja). Existem em nós influências que transparecem em nossos atos, modo de se comunicar e como se vestir. Apesar de com o tempo algumas pessoas se sentirem diferentes do que lhes foi passado ao longo da vida, temos uma identidade pessoal que pode ser fluida dentro de uma sociedade que seja comum.

Pois assim não podemos dizer que os surdos são incapazes de compartilhar outra cultura, como por exemplo, as dos ouvintes como afirma GESSER (2009) que isso não os tornaria também menos surdos, pois de fato as culturas também são flexíveis, dinâmica e construída entre as realidades dos povos situando seu tempo e lugar.

Sabemos que existem diversos conceitos de cultura. Segundo o dicionário entende-se que: “cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade de qual é membro”.

O surdo possui uma cultura própria e dentro dela existem costumes, hábitos, tendências e sem dúvidas muito conhecimento. Assim como os ouvintes tem uma essência em ser ouvinte o surdo também tem, pois ser surdo não significa ser deficiente, afirma SKLIAR (1997, p 56) “A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais aproximado da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva”.

A fazer esta afirmação ele faz uma ressalva sobre a diferença e diversidade surda, mostrando que “é preciso manter estratégias para que a cultura dominante não reforce as posições do poder e privilégio” (SKLIAR 1997, p. 56). Quem vem a ser a cultura dominante são os membros ouvintes da sociedade, que engloba várias formas diferentes de compreender as coisas ao redor.

Ao longo da história os surdos passam por vários acontecimentos, alguns que fizeram congelar seus hábitos, outros não. Aos poucos, um processo que por sinal muito lento, as coisas vão mudando e o olhar sobre eles vem amadurecendo e dignificando sua imagem como pessoas que também pensam e são capazes de se recompor diante das diversidades, sem ser preciso ser impostas regras ou até mesmo ilusões de que falem oralmente com os ouvintes.

## **1.2 LINGUA DOS SINAIS E INCLUSÃO DO SURDO NA SOCIEDADE ESCOLAR**

Não é novidade vermos os preconceitos que os surdos sofrem por serem tratados como pessoas deficientes e já temos o conhecimento que os surdos não são deficientes, eles não possuem um problema de saúde por conta da surdez, mas sim, uma visão mais aguçada.

Por não possuírem a audição, também sofrem dificuldade na fala oral, então através de muitas lutas conseguiram criar uma língua gestual que aqui no Brasil chamamos de LIBRAS que é Língua Brasileira dos sinais, ainda que em cada região do País haja sinais diferentes, o importante é que mesmo que depois e ainda durante e uma grande batalha para ser reconhecida como língua e não como mímica, como por durante um longo período foi chamada, se tornou uma língua oficial e materna para aqueles que já nascem surdos. E Sobre o surgimento das LIBRAS, MENEZES (2006, p. 92) afirma que:

O Brasil ainda era uma colônia portuguesa governada pelo imperador Pedro II quando a língua de sinais para surdos aportou no país, mais precisamente no Rio de Janeiro. Em 1856, o conde francês Ernest Huet desembarcou na capital fluminense com o alfabeto manual francês e alguns sinais. O material trazido pelo conde, que era surdo, deu origem à Língua Brasileira de Sinais (Libras). O primeiro órgão no Brasil a desenvolver trabalhos com surdos surgiu em 1857. Foi do então Instituto dos Surdos do Rio de Janeiro, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que saíram os principais divulgadores das Libras. A iconografia dos sinais, ou seja, a criação dos símbolos, só foi apresentada em 1873, pelo aluno surdo Flausino José da Gama. Ela é o resultado da mistura da Língua de Sinais Francesa com a Língua de Sinais Brasileira antiga, já usada pelos surdos das várias regiões do Brasil.

Percebemos a partir daí, quando a língua dos sinais teve início e o longo período percorrido para ela ser então reconhecida. E apesar de já estarem sendo adotadas, as lutas não pararam e nem param por aí. Ainda existe uma desvalorizada, por muitas pessoas considerarem menos importante do que língua oral. Por ser usada pela minoria e entre outras dificuldades impostas pela sociedade ouvinte.

Historicamente, a língua de sinais não tem o status das línguas orais; na realidade, por muito tempo ela foi vista apenas como uma forma de comunicação, ou seja, uma ferramenta para o aprendizado da língua



portuguesa, e não como uma língua em si. Embora já existisse há séculos e fosse utilizada por surdos do mundo todo, em decorrência das decisões tomadas a partir do Congresso de Milão, em 1880, a língua de sinais foi proibida. (LACERDA, SANTOS, 2014, p.7)

Fica evidente na citação acima, mais uma das lutas que os surdos tiveram. Mesmo quando reconhecida como língua, ainda assim foi proibida. Encontramos cada vez mais as dificuldades da aceitação da cultura surda, da forma dos surdos se manifestarem. De acordo com Lacerda, o uso dessa língua poderia atrapalhar o uso da língua oral á qual, socialmente, era mais importante. Somente após um longo período década de 1960 a língua de sinais começou a ser estudada e vista como uma língua necessária para comunicação dos surdos e o ajudando na sua inclusão social. Mas só em 2002, ela foi oficializada como língua brasileira de sinais pela Lei 10.436, que esta passou a ser reconhecida e respeitada como língua própria. E com a mesma lei, no artigo 4º, é obrigatório a sua inclusão como disciplina nos cursos de Educação Especial, Fonoaudióloga e Magistério, e atualmente também nas licenciaturas.

Desde a publicação do Decreto 5.626, muitas questões e dúvidas têm surgido com relação à obrigatoriedade das LIBRAS nas universidades, sejam elas publicas ou privadas. Diversas instituições, na urgência de cumprir os prazos estabelecidos pela lei, têm contratado profissionais ou aberto concurso para sanar esse problema. Entretanto a forma como tal disciplina vem sendo organizada é bastante preocupante, pois não há orientação ou norma que defina seus objetivos, as necessidades formativas dos alunos ou a carga horária mínima necessária. (LACERDA, SANTOS, 2014)

Enfatizando de certa forma uma conquista e dentro dela mais uma luta para os surdos. E com as demais ações e respectivamente conquistas surgem à obrigação de professores capacitados para atuar na educação de surdos, como professores bilíngues, interpretes e instrutores. O Decreto n.º 5.626 da Lei de LIBRAS:

**Art.14.** As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

**§ 1º** Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no caput, as instituições federais de ensino devem:

**I** - promover cursos de formação de professores para:

- a) o ensino e uso da Líbras;
  - b) a tradução e interpretação de Líbras - Língua Portuguesa; e
  - c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;
- II** - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Líbras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

**III** - prover as escolas com:

- a) professor de Líbras ou instrutor de Líbras;
- b) tradutor e intérprete de Líbras - Língua Portuguesa;
- c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e

d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos; [...]

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa.

Vale salientar que a lei deixa claro que diferente de como era antigamente antes da lei de ser aprovada, a língua Portuguesa agora deve ser ensinada como segunda língua para os surdos. Antes os que conseguiam chegar à escola eram obrigados a falar a Língua Portuguesa oralmente, o que se tornava muitas vezes causas de transtornos, e afastamento da escola, por isso muitas famílias chegavam até a esconder seus filhos por causa do olhar discriminado da sociedade. Assim afirma MELO (2012, p.15)

Os professores surdos existentes nas escolas foram afastados e os alunos surdos desestimulados, visto que eram proibidos de usar a língua de sinais de seus países. Era comum a prática de amarrar as mãos das crianças surdas para não usarem os sinais. Foi um período obscuro na história dos surdos.

Por outro lado acontecia de alguns deles só tiveram contato com a língua na adolescência como uma relata STROBEL (2008 p. 26) “Só quando eu tive acesso à língua de sinais na adolescência, depois de muito sofrimento e de negação da surdez, é que eu pude construir a minha identidade surda e com isto abriram-se as portas do ‘saber’ sobre o mundo e, só aí comecei a compreender as coisas”. Ela como na condição de surda escreve justamente sobre esta questão, e dentre seus estudos na sua tese de pós-graduação ela faz vários relatos vividos por muitas pessoas surdas, sendo possível perceber que de fato o que impossibilita muitos surdos de se apropriarem de seus direitos de conhecerem sua história e a sua identidade surda é a falta de oportunidades, falta de criação das políticas públicas que deveriam ser ofertadas pelo governo e o que está mais visível que é o tratamento discriminado para com eles.

Na fala de Stobel, podemos notar duas grandes dimensões bastante relevantes para a compreensão de que se devemos o quanto antes ‘ouvir’ o que os surdos têm a nos falar com sua própria língua, que é percebemos que eles têm capacidades a serem desenvolvidas, e quantos antes eles poderem desenvolver melhor. Ou seja, desde educação básica na escola regular, para que eles também possam trilhar seus caminhos a partir de suas próprias escolhas, podendo avançar em seus conhecimentos, chegando à universidade, sem deixar de lado quem realmente são permitindo um diálogo entre os ouvintes e os surdos com respeito e produtividade.

### 1.3 LIBRAS E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Dentro das conquistas e avanços conseguidos pelos surdos e os contexto da realidade atual se torna de certa forma indispensável o uso das novas tecnologias, que estão tão presentes no nosso meio e que não somente podem como devem ser utilizadas nas instituições educacionais, e para a sua introdução na escola a lei também se mostra compatível com esta demanda, pois estar presente no mesmo art. 14 do Decreto n.º 5.626 da Lei de LIBRAS que é deve do estado e da escola:

- VII** - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Líbras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;
- VIII** - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

As novas tecnologias veem transformando o mundo e dificilmente encontramos alguém que não tenha, por exemplo, um celular, mas em pensar nas conquistas que as comunidades surdas foram alcançando as novas tecnologias tem sido um dos instrumentos que mais tem contribuído para a comunicação e avanço dos surdos.

A tecnologia se torna também importante para a educação dos surdos, um meio indispensável, pois facilita o desenvolvimento intelectual e a aprendizagem. Sendo um avanço quando se inclui nela os conteúdos pedagógicos, fazendo com que o aluno tenha mais prazer e interesse pela aprendizagem e de certa forma sintam-se também mais capazes de criar situações para serem resolvidas através de aplicativos que são disponíveis e próprios para o ensino de libras, ou até mesmo resolver as questões indicadas nos aplicativos, mas sempre com o foco de promover a educação e a inclusão com o uso destes instrumentos.

Com relação ao ensino de Libras, acreditamos que algumas ferramentas fundamentais devam ser disponibilizadas de forma a possibilitar o processo de ensino e aprendizagem. A videoaula, por exemplo, é fundamental para que os alunos acompanhem os conteúdos da disciplina por meio de uma aula explicativa, teórica ou prática, em Libras, bem como diálogos, relatos de experiência ou depoimentos de surdos. Esta é a principal forma de visualizar a língua em uso e, portanto, um dos principais recursos. As videoaulas podem ser disponibilizadas em DVD aos alunos, para facilitar o estudo e aprendizado sem que ele tenha que acessar a internet para assistir a cada um dos vídeos. (LACERDA, SANTOS, p.212)



Dentro das novas descobertas encontramos diversas formas de se trabalhar de forma dinâmica e atrativa com o público surdo, como também com os ouvintes, de modo que auxilie no desenvolvimento e compreensão de conteúdos, meios de comunicação e entre outras coisas. Com o auxílio de atividades educativas, é possível um auxílio maior na comunicação com celulares, tablets, computadores, com chamadas de vídeos, por exemplo, e diversos aplicativos que auxiliarão no processo de ensino-aprendizagem.

## CONCLUSÕES

Desde o início da cultura surda, até os dias atuais, percebemos o longo caminho que os surdos percorreram para conseguir conquistar seus direitos e mostrarem que eles têm também sua cultura que precisa ser reconhecida e respeitada. Onde eles podem se comunicar com sua própria língua, estudar e trabalhar em meio aos ouvintes e viverem numa sociedade sem exclusão. As lutas enfrentadas foram muitas e as conquistas vêm acontecendo ao decorrer do tempo com a ajuda também de muitos ouvintes, pois a realidade mostra que os surdos por ser minoria precisam da consciência e de apoio, para ajudá-los nas lutas diárias. Ainda se tem muito que lutar para alcançar a vida sem exclusão e o surdo como cidadão livre e sem preconceitos, que não estejam à margem da sociedade, mas no meio dela, pois eles fazem parte deste todo.

Desta forma, se faz necessário da parte do governo promover cursos para aqueles que desejam aprender ou aprimorar mais a língua e concursos para professores com especialidade em LIBRAS e disponibilizando vagas para interpretes professores qualificadas. Desencadeando a possibilidade de termos um país bilíngue onde a segunda língua seria a língua de Sinais, e desenvolvendo habilidades de se comunicarem com mais fluência. Para os surdos será também uma questão de identificação pessoal, referente aos vocabulários que conheceram e referente às relações familiares, consigo mesmo com os que estão ao seu redor e todos que se move a sua volta, não é uma cultura dominando outra como já foi antigamente, mas sim uma combinação de compromisso e dialogo de ambas.

Pois o estudo de libras não diz respeito somente aos surdos, mas a todos, pois quando todos tomam consciência que existe uma língua uma cultura que legitimam a competência da população surda, e que esta população não está distante, mas está dentro da sociedade como um todo, precisa-se o quanto antes haver um respeito e um dialogo entre estes sujeitos com suas culturas.

Concluimos que a partir de tantos avanços alcançados por essa comunidade, nos dias atuais com o aumento das tecnologias temos mais oportunidades de evoluirmos quanto ao desenvolvimento dos surdos, compreensão da língua de sinais e expansão dos códigos para a comunidade ouvinte, o que nos resta agora é aumentar os diálogos entre as comunidades e estreitar os preconceitos que ainda permeiam entre nós.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994;

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parababola Editorial, 2009;

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987;

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. SANTOS, Lara Ferreira dos. – **O ensino de LIBRAS para futuros professores**. São Carlos, EDUFSCAR, 2014;

MELO, Kilma Gouveia de. **Letras: Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. - Recife: UPE/NEAD, 2012;

MENEZES, Ebenezer Takuno de. SANTOS, Thais Helena dos. - **LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) (Verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira**. Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2006;

Significado no dicionário disponível em: ([WWW.significados.com.br/cultura/](http://WWW.significados.com.br/cultura/)) >Acesso em 24 de Jul. 2016;

SKLIAR, Carlos. **A SURDEZ: um olhar sobre as diferenças. Mediação**, 2010 (4. ed. Atual.ortog.);

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.